

abril
1965

revolução popular

- 2 - Aos camaradas comunistas
- 4 - Centralismo, democracia e unidade do Partido
- 9 - A propósito do "socialismo burocrático e autoritário"
- 13 - O movimento marxista-leninista no mundo
- 16 - O revisionismo desmascara-se diariamente
- 22 - Apoio comprometedor
- 24 - Lénine: Carta aos operários alemães e franceses

4



orgão do

comité marxista-leninista português



AOS CAMARADAS COMUNISTAS

O que é o Comité Marxista-Leninista Português?

O Comité foi criado por um grupo de revolucionários comunistas que tomaram a iniciativa de se juntarem, para poderem defender, de uma forma independente e bem clara, o caminho revolucionário que há-de libertar o nosso povo do fascismo e levá-lo ao socialismo.

Antes de tomarem esta decisão, estes comunistas analisaram a orientação incorrecção dos dirigentes do P.C. e, dentro das fileiras do Partido, lutaram incansavelmente pela correcção dessa orientação política. Esta luta valeu a alguns deles a expulsão do Partido, sob as acusações mais indignas.

Hoje, é para nós claro que a luta dentro do Partido, para a correcção da orientação, é uma luta inglória, que nada consegue resolver. Os dirigentes oportunistas do PC estão decididos a não escutar os protestos dos seus militantes, e a responderem com mentiras e calúnias infâmes, indo mesmo, como sucedeu no "Avante" de Dezembro, a denunciar os nomes de camaradas nossos na clandestinidade.

A todos os processos, mesmo aos mais vergonhosos, eles estão dispostos a deitar mão para conseguirem manter os operários atados à burguesia anti-fascista, perpetuando assim o fascismo, a exploração e o sofrimento dos trabalhadores portugueses.

Muitos camaradas, pela sua própria experiência, já se deram conta de onde os leva a orientação traidora dos dirigentes oportunistas. Mas, muitos destes camaradas, têm ainda ilusões sobre as possibilidades de levar os dirigentes oportunistas ao bom caminho. Nós compreendemos a atitude destes camaradas mas temos de combatê-la.

Nós compreendemos o amor e dedicação que esses camaradas têm ao partido, que tem sido o da classe operária, mas que já não o é, por não conduzir o povo e a classe operária à Revolução. Esses camaradas iludem-se a si próprios. Nós apreciamos em alto grau a atitude de dedicação de que esses camaradas dão provas, mas simplesmente essa atitude só seria correcta se os dirigentes do P.C. estivessem à altura dela. E eles não o estão.

Para nós, é cada dia mais nítido, que aquele que era o nosso Partido, foi usurpado por meia dúzia de dirigentes cuja cegueira oportunista os leva a trilhar caminhos que atraíam a classe operária.

Para nós, o Partido de Álvaro Cunhal deixou de ser o nosso Partido, o representante da classe operária, o Partido dos Comunistas. Ele deixou de lutar pela revolução proletária, ele entregou os comunistas nos braços da burguesia anti-fascista.

Qual é então o caminho que temos de seguir?

É preciso que todos os verdadeiros comunistas, todos os verdadeiros revolucionários, se unam e formem um verdadeiro Partido Comunista que se guie fielmente pelas ideias dos dois grandes revolucionários Marx e Lênine, os fundadores da doutrina comunista e do primeiro estado socialista, a União Soviética.

Quanto mais tarde compreendermos a necessidade da criação de um Partido revolucionário, capaz de conduzir as massas populares ao poder e ao socialismo, mais atrasa-

mos a revolução. Quanto mais depressa os comunistas se agruparem numa nova organização orientada por uma linha revolucionária, mais depressa chegará o momento da libertação do jugo capitalista.

O Comité Marxista-Leninista é como uma semente que, germinando no seio do povo, nos há-de dar um novo fruto, um Partido Comunista revolucionário.

A criação deste Comité foi o primeiro passo dado pelos comunistas portugueses para a formação do Partido revolucionário de que o povo precisa. Animados pelo nosso exemplo, outros comités se estão formando, e em breve um Partido Comunista estará montado e, com ele, começarão as grandes lutas decisivas do nosso povo pela sua Libertação.

Camaradas, coragem e decisão que o momento não permite desânimos. O momento é de cerrar fileiras.

Camaradas, unamo-nos debaixo dos princípios revolucionários marxistas-leninistas e que cada um tome o seu posto no combate.

Vivam os Comités Marxistas-Leninistas!
Viva o Partido Comunista revolucionário!
Viva o Comunismo!

ESTUDO DO MARXISMO

(Textos marxistas-leninistas editados pelo Comité Marxista-Leninista Português)

Cadernos publicados:

- 1 - Lénine sobre a insurreição
- 2 - Lénine sobre a revolução socialista
- 3 - Lénine sobre a passagem pacífica ao socialismo
- 4 - "O exército popular e a revolução no Vietnam", pelo general Giap
- 5 - "Paz ou Violência?", traduzido da revista "Estudos", do Partido dos Trabalhadores do Vietnam
- 6 - Notas sobre o movimento revolucionário dos estudantes chineses
- 7 - Quem dirige o movimento revolucionário?
- 8 - "A guerra de guerrilhas", de Lénine
- 9 - "A Revolução Permanente", textos do P.C. da China

PUBLICAÇÕES DO P.C. da China EM LINGUA PORTUGUESA

(Distribuídos pelo Comité Marxista-Leninista Português)

Volumes publicados:

- Proposta sobre a linha geral do movimento comunista
- Origem e Evolução das divergências entre a direcção do PCUS e nós (I)
- Sobre o problema de Stáline (II)
- É a Jugoslávia um país socialista? (III)
- Apologistas do neo-colonialismo (IV)
- Duas linhas diferentes no problema da guerra e da paz (V)
- Coexistência pacífica - Duas políticas diametralmente opostas" (VI)

CENTRALISMO, DEMOCRACIA E UNIDADE DO PARTIDO

Os problemas de centralismo, da democracia e da unidade interna estão a pôr-se cada vez com mais acuidade no Partido Comunista. Isto não é casual. À medida que se cava mais o fosso entre a linha reformista de Álvaro Cunhal e as forças revolucionárias existentes no interior do Partido, os dirigentes vêem-se obrigados a recorrer a um centralismo e a uma disciplina severa, tentando sufocar a luta interna no Partido por meios coercivos.

Esta luta interna no P.C.P. não pode ser indiferente aos marxistas-leninistas, uma vez que aí se agrupa uma grande massa de elementos revolucionários e que a direcção do Partido procura impor-lhes a sua política revisionista, cobrindo-se com a autoridade do marxismo-leninismo. Interessa, pois, estabelecer em que consiste a posição marxista-leninista da unidade do Partido.

Estranhas normas de vida interna

É interessante verificar que os dirigentes do P.C.P., acusando-nos a torto e a direito de dogmatismo, se estão a tornar cada vez mais dogmáticos. Vamos citar alguns exemplos, observados na actividade prática do Partido ou extraídos da sua imprensa, que mostram como, em nome do centralismo democrático, se estão a pôr em vigor estranhas normas de vida interna do Partido.

O "Militante" nº 180, de Outubro de 1964, dá-nos uma ideia de como estão a ser discutidas as divergências surgidas no Partido e no movimento comunista. Elevando-se contra o direito de informação, escrevem os redactores do "Militante": "Como pode então aquele que luta pela liberdade, isto é, que aderiu e milita no Partido Comunista, fazer-se eco da "liberdade" burguesa, isto é, dos que travam pelo terror, pelo crime, pela guerra, a marcha para a libertação da humanidade? Como pode um camarada dizer que, perante qualquer problema já definido pelo Partido, tem o "direito" de se informar da opinião daqueles que o Partido combate para depois escolher livremente a sua própria definição? Então quando o Partido, que quer libertar pela ditadura da maioria explorada sobre a minoria exploradora, e ao qual livremente se aderiu, diz que o interesse dos trabalhadores é, por exemplo, de combater a divisão nas fileiras do movimento comunista, o camarada, para ser "livre" tem de ir conhecer a opinião da minoria exploradora e parasita, que só pode estar interessada precisamente na divisão e em tudo o que possa enfraquecer o exército mundial do proletariado?"

Como vemos, tudo neste raciocínio é tortuoso e anti-marxista: nega-se aos membros do Partido o direito de se informarem e de pensarem, a pretexto de que o Partido já de finiu uma posição; identifica-se abusivamente a direcção do Partido com todo o Partido, para colocar à margem deste todo o membro que discorda da linha estabelecida; joga-se sem escrúpulos com a oposição do Partido à burguesia (é pena que não se dêem conta dessa oposição noutras alturas) para sugerir que o membro que discorda da linha se identifica com a burguesia; condena-se como "liberdade burguesa" a liberdade de informação, de investigação e de crítica que é a própria base do marxismo-leninismo. E, para melhor fazer aceitar esta arbitrariedade, identifica-se sem pudor uma corrente oposta no interior do Partido e no movimento comunista, a corrente marxista-leninista, com "a minoria exploradora e parasita"!

Não admira que, com raciocínios destes, se chegue rapidamente à violação das normas mais elementares da democracia interna. Assim, condenando severamente um camarada por se ter oposto à campanha de insultos lançada sobre um dirigente expulso por lutar contra o revisionismo, escreve o "Militante": "A influência burguesa fez-se sentir; não só

o camarada se deixou levar para aquelas afirmações por um falso conceito burguês de amizade pessoal, a sobrepor-se aos interesses do Partido, como divulgou para além do que era devido as suas ideias (embora num círculo restrito e responsável). Condena da unanimemente a atitude do camarada, batido por esse mesmo círculo (o seu organismo) o seu conceito burguês de amizade e aquela imprópria divulgação de ideias contrárias às ideias do Comité Central-o que o fez camarada? Redigiu uma defesa cerrada dos princípios democráticos dentro do Partido!" (sublinhados nossos).

Assim, levar ao seu organismo as críticas à direcção do Partido passa a ser considerado condenável. Por inacreditável que pareça, é isto que diz o "Militante". Como justificar um tal atropelo à democracia interna do Partido? É fácil: inventa-se uma subtil distinção, própria de padres jesuítas, entre a "crítica construtiva", que é autorizada, e o "prazer de criticar" (!) vício vergonhoso que é expressamente proibido (artigo citado, "Militante" nº 180).

É evidente que o Partido não pode deixar de se enfraquecer quando se adoptam mé todos destes. E o Partido enfraquece-se mais ainda quando se chega ao ponto de proibir, sob pena de sanções, que os militantes façam chegar a imprensa do Partido às mãos de elementos "dogmáticos" ou "aventureiros", isto é, de elementos que se suspeita estarem ligados ou simpatizarem com as posições do Comité Marxista-Leninista ou da FAP. Durante anos e anos, centenas de militantes passaram pelas cadeias por difundirem a imprensa do Partido, por tentarem fazer chegar a toda a parte a voz do Partido; mas agora, onde quer que eles encontrem ideias revolucionárias, têm ordem para se fechar, para se isolar e esconder as publicações do Partido. Não se apercebem os dirigentes reformistas que procedimentos destes levam ao aniquilamento da sua autoridade?

Não se apercebem eles de que é aniquilar-se politicamente desenvolver no Partido um ambiente irrespirável de intolerância, de suspeição e de "caça às bruxas"? Por que, não lhes bastando já alimentar um espírito sectário, eles fomentam agora a denúncia pública: O "Ávante" cobre-se de lama denunciando à Pide os nomes de militantes revolucionários; em diversas organizações, militantes fanatizados pelos seus dirigentes para a guerra santa contra os "dogmáticos-sectários-aventureiros-provocadores-que-querem-destruir-o-Partido", desenvolvem autêntica actividade policial à procura dos aderentes da FAP e dos militantes marxistas-leninistas e propagam os seus nomes por toda a parte.

Falar em "centralismo democrático" e em "unidade do Partido" quando se adoptam procedimentos destes, é verdadeiramente dar provas de pouco respeito pelo Partido.

A unidade do Partido não se decreta, tem que ser construída

O Partido é um exército em combate. Para levar a cabo as suas tarefas de guiar o proletariado e o povo ao derrubamento da burguesia, à instauração da ditadura do proletariado e à edificação do socialismo e do comunismo, o Partido tem que assegurar em cada momento a mais firme unidade de acção nas suas fileiras. É para isso que o Partido se constitui na base do centralismo mais estrito, com a submissão dos órgãos inferiores aos superiores e das minorias às maiorias, com a disciplina rigorosa e com a proibição da existência de fracções no seu seio.

Esta unidade de acção do Partido tem que ser permanente. E, nos momentos em que se vive uma crise política, quando o Partido está empenhado numa batalha decisiva, ela tem que ser literalmente vasada numa só peça. Nesses momentos todo o Partido tem que corresponder instantaneamente e sem uma vacilação às ordens da direcção; disso depende o êxito ou a derrota da batalha que se trava. Quem não o compreendeu, quem não se dispõe a aceitar esta disciplina de ferro, não se pode ainda considerar um comunista.

Mas esta unidade monolítica do Partido, não se obtém por decretos, por ambientes de caserna ou pela acção automática de regulamentos estatutários, por mais perfeitos

que sejam; ela forja-se constantemente, dia após dia, através da luta de ideias no seio do próprio Partido; pela confrontação constante das concepções opostas e pela sua resolução segundo o método dialéctico marxista, elaborando, a partir da luta, novas concepções, mais correctas, passando da unidade à contradição e da contradição a uma nova unidade mais elevada.

São burocratas ineptos e não dirigentes comunistas aqueles que julguem que podem fazer obedecer o Partido à sua voz, só porque estão investidos duma autoridade superior e dão uma ordem; o Partido obedecerá e corresponderá às directivas, como um mecanismo perfeito, se se tiver travado uma permanente luta de ideias que tenha efectivamente conduzido os dirigentes, o aparelho do Partido e a massa dos militantes a identificar-se voluntariamente com a linha traçada, a assimilá-la e a aceitá-la como sua. Se isto não for feito, a unidade do Partido não estará consolidada e poderá abrir fendas no momento preciso em que devia ser mais sólida do que nunca.

A unidade orgânica do Partido só pode ser edificada sobre a base da sua unidade ideológica e essa unidade ideológica nasce no decurso da luta de ideias; este é um princípio essencial. Todo aquele que restringe a luta de ideias no seio do Partido, que responde às dúvidas, às objecções e às críticas com fórmulas dogmáticas, com argumentos viciados ou com excomunhões, está a minar a unidade ideológica do Partido e a preparar a sua desintegração. Os revisionistas destroem a unidade do Partido precisamente porque, sentindo-se desamparados para a luta de ideias, depositam uma confiança supersticiosa nos meios administrativos, nos regulamentos burocráticos, e descuam a única acção que pode gerar a unidade: a luta entre concepções opostas segundo o método marxista.

O centralismo só é correcto e eficaz se assenta sobre uma democracia elevada. Confundir o espírito revolucionário de Partido com o espírito de igreja, transformar a questão da democracia interna num espantalho e desanimar toda a reclamação de democracia, estigmatizando-a como "manifestação burguesa", contrária à unidade e à força do Partido, é um recurso de elementos que se afastam irremediavelmente do marxismo-leninismo e que não olham a meios para tentar impor a sua autoridade. Eles deviam saber que, com métodos administrativos e burocráticos, pode conter-se momentaneamente a luta de ideias no seio do Partido mas, no fim de contas, não se consegue senão apressar a própria derrota.

Quando a luta ideológica se transforma em luta política

Isto não significa que se possam resolver no interior do Partido todas as contradições ideológicas que nele se formam. Frequentemente, estas contradições ideológicas não se conseguem superar por meio da luta interna, extravasam para além dos limites do Partido e transformam-se na luta política entre correntes opostas.

Isto nada tem de estranho. O Partido desenvolve a sua actividade no interior da sociedade capitalista, rodeado por todos os lados pela estrutura burguesa reinante, pelos interesses burgueses, pela ideologia burguesa. Esta pressão burguesa gera continuamente no seio do Partido pontos de vista idealistas, reacccionários, favoráveis à burguesia e dá lugar ao aparecimento de tendências de compromisso, de capitulação ou de aventura. Mesmo travando-se uma luta de ideias permanente em todos os organismos do Partido, estes pontos de vista errados tendem a constituir-se em nós de resistência, em correntes ideológicas contrárias ao marxismo e à revolução, em pontos de apoio da burguesia no interior do partido do proletariado.

Nos períodos de estagnação política, de marcha pacífica da revolução, pode acontecer que estas correntes opostas não se revelem com agudeza e que se vão sedimentando lentamente; o Partido dará, a um observador superficial, a imagem de uma força unida, mas ele estará na realidade a sofrer um processo de divisão que se revela-

rá abertamente ao encontrar-se o Partido confrontado por uma crise.

Nestas alturas, uma direcção verdadeiramente marxista-leninista terá perante ela uma tarefa dupla de grande responsabilidade: ela terá que elevar decisivamente a luta de ideias no interior do Partido e, através dela, elaborar respostas que superem os pontos de vista estranhos ao marxismo, que os derrotem ideologicamente; e ela terá, por outro lado, que adoptar medidas disciplinares contra aqueles dos seus membros que, não acompanhando a luta de ideias, se fixam em posições contrárias à linha do Partido. Se este trabalho duplo de depuração interna do Partido não for realizado, as fracções ideológicas declaradas evoluem mais cedo ou mais tarde para fracções orgánicas, que podem provocar uma cisão ou até vir a conquistar a direcção e o aparelho do Partido, fazendo-o degenerar, de revolucionário, em reformista. Isto deu-se já várias vezes na história do movimento revolucionário.

Nos últimos 20 anos, o Partido Comunista Português encontrou-se por duas vezes, em 1944-46 e em 1956-59, perante a formação de correntes anti-marxistas bem definidas no seio da sua direcção. E, em nenhuma destas situações, a direcção foi capaz de elaborar a sua linha de forma mais elevada, que superasse efectivamente os desvios surgidos, nem soube adoptar medidas orgánicas contra os militantes que manifestavam a persistência de noções de compromisso com a burguesia. É assim que se compreende que toda a direcção do Partido tenha sido conquistada para as ideias que não soube combater de forma consequente, e tenha deslizado para o reformismo.

E assim, quando há um ano, um núcleo de militantes comunistas resolveu vir a público com as divergências surgidas no interior do Partido e se constituiu o Comité Marxista-Leninista, isto não foi mais do que a conclusão inevitável dum processo de divisão ideológica que se vinha desenvolvendo surdamente ao longo dos anos e cuja maturação foi precipitada pelos grandes movimentos de massas de 1961-62. Insultar e amaldiçoar os comunistas que começaram a organizar-se fóra do actual Partido, falar em "provocação" e "traição ao Partido e à classe operária" pode, na verdade, intimidar ou paralisar mais ou menos os militantes, mas não resolve nenhum dos problemas em aberto. Uma vez que se tinham formado divergências graves no decurso da actividade, só havia duas alternativas: ou as divergências eram superadas pela luta de ideias e pela experiência prática (e, nesse caso, a partir da luta, formar-se-ia uma nova unidade ideológica mais elevada), ou as divergências não eram superadas pela discussão, como não foram, e, nesse caso, elas tinham que extravasar todos os diques e sair para além dos limites do Partido, passar do terreno puramente ideológico ao terreno político, passar da luta de duas tendências no interior do Partido à luta entre dois partidos. Foi o que aconteceu.

Querer reprimir este processo de divisão, elevando o centralismo, a disciplina e a unidade orgânica a categorias absolutas, é colocar-se fora do marxismo e fugir aos princípios essenciais do Partido. O Partido não é uma igreja nem um clube desportivo, onde a força de coesão interna são a fé ou o "espírito clubista"; O Partido é uma organização de combate do proletariado e das massas oprimidas, que se guia pela concepção marxista da sociedade e do mundo e que traça um caminho revolucionário para chegar ao comunismo. O único problema a discutir é, pois, em última análise, o problema de saber onde está o marxismo-leninismo, onde está a verdade e o erro, de escolher entre duas linhas opostas.

A pergunta: é admissível a divisão do Partido? nós respondemos, portanto: não só é admissível como é obrigatória se se trata de salvaguardar os princípios revolucionários do marxismo-leninismo que deram existência ao Partido, se se trata de combater a implantação do revisionismo e do reformismo no seio do Partido do proletariado. A divisão orgânica do Partido, contra a qual os actuais dirigentes se horrorizam hipocritamente, não é mais do que o resultado, a forma superior, da divisão ideológica que eles próprios provocaram e aprofundaram ao longo dos anos com o seu reformismo.

Como elevar o nível ideológico do Partido ?

A fonte permanente das questões disciplinares que actualmente invadem o P.C.P. está nas divergências surgidas quanto à linha do Partido e do movimento comunista internacional. Enquanto essas divergências não forem superadas por meio de uma luta de ideias séria, que ponha a claro onde está a verdade e onde está o erro, a luta interna no Partido não deixará de se agravar, com os seus reflexos no campo disciplinar. Eis uma evidência que não serve de nada tentar ocultar.

É certo que os dirigentes do P.C.P. também falam na necessidade de elevar o nível ideológico dos militantes, e de o elevar rapidamente, mas é em vão que procuramos quaisquer indicações concretas dessa elevação. Podem encontrar-se com frequência generalidades confusas e abstractas, sermões moralizadores sobre os deveres dos comunistas, ou afirmações dogmáticas; mas não se encontram raciocínios claros sobre a marcha da revolução em Portugal e no mundo, não se encontram argumentos convincentes de uma linha e de crítica às linhas que se lhe opõem. O recurso aos insultos e aos rótulos feitos torna-se a norma; inventam-se "teses" absurdas, como é essa extraordinária invasão de "ideias aventureiristas pequeno-burguesas" que, segundo o "Militante", invadiu, em Abril do ano passado, todas as organizações do Partido para logo depois se voltar a sumir tão misteriosamente como aparecera, como se se tratasse dum sarampo ideológico... A isto chamamos nós baixar e não elevar o nível ideológico do Partido.

Se as ideias "burguesas" por nós defendidas giram em torno de questões precisas e bem determinadas, como o carácter da revolução portuguesa na época actual, a política de alianças do proletariado, a aplicação das diversas formas de luta na preparação e desencadeamento da insurreição anti-fascista, a luta contra o imperialismo e o revisionismo moderno, porque não elevar o nível ideológico dos militantes discutindo directamente estas questões que, pelos vistos, os confundem e os levam a pôr em dúvida a justeza da linha do Partido?

Os dirigentes do Partido demonstraram já que não o podem fazer porque, perante as divergências surgidas no Partido e no movimento comunista internacional, eles não se esforçaram por abrir debate, baseado no espírito de investigação e de análise marxista; eles trataram de impôr por todos os meios a linha que já tinham escolhido antecipadamente, a sua linha de unidade com a burguesia e de contenção do movimento revolucionário do proletariado português, e o apoio incondicional à linha krutchoviara de conciliação e capitulação perante o imperialismo.

Apesar dos seus apelos à elevação do nível ideológico, os dirigentes do P.C.P. não têm mais para dar aos militantes do que argumentos falseados e um sectarismo febril, que os levará a enfraquecer cada vez mais o Partido; é isso que mostra o "Militante", quando os discursos abstractos sobre a necessidade de elevar o nível ideológico do Partido terminam com directivas muito explícitas e muito concretas: "Que todos aqueles para quem estes princípios não servem, tomem a liberdade de se afastar do Partido que não lhes serve porque não é o seu". Esta é a manifestação mais palpável da "elevação do nível ideológico": dela resultou já a expulsão de diversos membros do Partido e o afastamento de muitos outros que se encontram sem contactos com a direcção, depois de apresentarem discordâncias ou dúvidas sobre a linha seguida.

Pela nossa parte, trabalharemos por elevar realmente o nível ideológico de todo o Partido porque sabemos que disso depende a derrota da direcção reformista e a reconstituição dum partido marxista-leninista em Portugal.

A PROPÓSITO DO "SOCIALISMO BUROCRÁTICO E AUTORITÁRIO"

Uma das indicações reveladoras do despertar da consciência revolucionária das mas sas trabalhadoras portuguesas está no aparecimento de correntes que se pretendem mar xistas e reivindicam objectivos socialistas; isto só por si mostra o caminho percorri do pelo movimento popular antifascista desde o fim da guerra mundial; nessa época as palavras de ordem mais avançadas não iam além das "eleições livres" e da "democra cia"; hoje fala-se cada vez com mais frequência em "socialismo" e "revolução". Mas isto mostra também como a burguesia radical sabe adaptar-se às circunstâncias e perse vera em desviar o movimento popular da revolução, não hesitando para isso em adoptar uma linguagem pseudo-marxista.

Um dos recursos mais correntemente empregados por estes "neo-marxistas" consiste em acusarem os marxistas-leninistas de representarem a ala "totalitária", "estalinista e burocrática" do marxismo, procurando pela sua parte fazer-se acreditar como "anti-totalitários", "socialistas democráticos" e "anti-burocráticos". E, se é verdade que esta propaganda não encontrou ainda o menor eco entre os operários, há que reconhecer que ela ganha uma certa audiência entre jovens intelectuais que aspiram à "democracia integral" e que receiam que os "estalinistas" queiram apossar-se do poder para iniciar em Portugal um ciclo de ditadura feroz e de depurações sangrentas...

No editorial do nº 1 do seu boletim do exterior, "Acção Revolucionária", os dirigentes do MAR (Movimento de Acção Revolucionária), parecem querer alinhar-se nesta corrente. Falando abundantemente em socialismo, o MAR garante-nos que "rejeita e procura impedir qualquer tipo de solução democrático-burguesa"; "para o MAR (lê-se no artigo) anti-fascismo e Revolução, anti-fascismo e luta pelo socialismo são inseparáveis". Mas este socialismo do MAR, "adaptado às nossas condições históricas", não se define, ao contrário do que se poderia supor, através da ditadura do proletariado sobre a burguesia; ele é antes um socialismo que se caracteriza por "repudiar todas as formas do totalitarismo".

"Ao mesmo tempo que faz uma crítica à democracia burguesa, formal e limitada às classes dominantes (lê-se ainda no artigo), o MAR bate-se por uma autêntica democracia socialista, em que à activa participação das massas populares na vida política, ao seu controle do poder e à renovação constante pela base, se alie a possibilidade de um confronto livre de diferentes concepções: filosóficas, religiosas, culturais, etc. O MAR lutará assim intransigentemente contra todos os riscos de deformação burocrática e autoritária do socialismo, considerando que ele só pode ser o fruto da acção consciente das classes verdadeiramente revolucionárias: as classes trabalhadoras".

Embora o MAR esteja muito longe de representar entre nós uma corrente social-democrata, mesmo em embrião, e embora as suas profissões de fé socialistas sejam apresentadas sem grande convicção, parece-nos útil aproveitar a oportunidade para pôr em discussão o "socialismo-burocrático", tanto mais que é uma questão que está sendo activamente propagada por diversos partidos europeus dominados pelo revisionismo.



A passagem do regime capitalista ao regime socialista pode resumir-se na questão da ditadura do proletariado; isto é, ou a ditadura burguesa é derrubada e substituída por uma ditadura do proletariado que, aliando-se às largas massas populares, enceta a tarefa da liquidação da burguesia como classe, e da construção da sociedade socia-

lista; ou a ditadura burguesa é reformada, modernizada, camuflada, isto é, de todos os modos, mantida, e nesse caso todas as frases "socialistas" se transformam em demagogia para enganar e submeter os operários.

Assim como o capitalismo pressupõe a ditadura da classe burguesa sobre o proletariado e as restantes massas trabalhadoras, também a destruição do capitalismo e a construção do socialismo pressupõe a ditadura do proletariado e das restantes massas trabalhadoras sobre a burguesia. Isto é o abc do marxismo e quem não o compreende pode ser tudo menos marxista.

E o que é a ditadura do proletariado? A ditadura do proletariado não é nada de abstrato, não é um "estado de espírito"; a ditadura do proletariado é um regime social muito preciso em que a classe operária dispõe de meios de ditadura, de coerção, sobre as classes exploradoras, como por exemplo, as armas, as prisões, os tribunais, etc. Assim como a ditadura da burguesia só se pode exercer por meio dos seus órgãos próprios (o aparelho estatal, militar, judicial e policial burguês, a assembleia burguesa e os partidos burgueses, os órgãos da ideologia burguesa), assim também a ditadura do proletariado só se pode estabelecer e exercer por meio dos seus órgãos próprios (o partido proletário, o Estado popular, os tribunais populares, as milícias, os conselhos operários e camponeses, os sindicatos, o controle operário da produção, etc.).

Tudo isto pressupõe um poder ditatorial e autoritário. Falar em "socialismo-não-autoritário" é tão inepto como falar em "capitalismo popular". Enquanto coexistirem classes antagônicas (e elas continuarão a coexistir durante um longo período histórico) tem que haver ditadura num ou noutro sentido; é um facto indiscutível.

Os defensores do socialismo anti-totalitário sonham com um socialismo onde não haja ditadura do proletariado; compreendemos que esta perspectiva seja bastante atraente para a pequena burguesia radical, mas é preciso dizer que ela tem o defeito de ser puramente utópica e anti-marxista. Todo o verdadeiro partidário do socialismo e do comunismo tem que ser um partidário da ditadura do proletariado; quem quiser rejeitar realmente todas as formas de ditadura burguesa (e não apenas a sua forma fascista) tem que lutar pela instauração da ditadura do proletariado. Isto é o essencial das ideias de Marx e de Lênine, e nisto se podem resumir cem anos de experiência do movimento revolucionário mundial.

Quer então isto dizer que nós repudiamos a democracia socialista? De modo nenhum. Isto quer dizer apenas que nós consideramos que a base para a "democracia socialista autêntica" de que fala o MAR é a ditadura "autêntica" do proletariado. A ditadura do proletariado não só não exclui a democracia socialista como é a única base sobre a qual ela pode ser edificada. É possível que este enunciado pareça contraditório aos nossos democratas burgueses mas isso só mostra que eles não conseguem compreender o que é a luta de classes.

Quais são as condições ótimas para que se exerça a democracia burguesa? São as condições em que o domínio da burguesia sobre o proletariado e as massas populares sejam um facto incontestado e incontestável, em que o controle, pela burguesia, do aparelho de Estado seja suficientemente seguro, em que a expansão da ideologia burguesa seja suficientemente ampla, em que o proletariado seja suficientemente dividido, engado e paralisado, para excluir toda a possibilidade duma confrontação de forças (é claro que, quando falamos em confrontação de forças, temos em vista a disputa do poder e não qualquer "batalha eleitoral").

Quanto mais seguramente se exercer a ditadura burguesa sobre o proletariado, tanto mais ampla se pode tornar a democracia burguesa. E a crise moderna da democracia burguesa, o recurso cada vez mais frequente aos regimes abertamente autoritários, traduzem a crise geral que atravessa o regime de ditadura de classe da burguesia, a

sua incapacidade para se impor, como antigamente, ao proletariado e às massas populares pelos meios "democráticos".

Só democratas burgueses que nada compreendem da luta de classes (porque não querem compreender) se podem extasiar perante a continuidade da democracia inglesa e das democracias nórdicas, em vez de ver aí um sintoma da estabilidade e da força da ditadura burguesa nesses países. E só democratas pequeno-burgueses, ou traidores à causa do proletariado, podem lembrar-se ou choramingar perante as restrições cada vez mais apertadas ao jogo "parlamentar e democrático" em todos os países capitalistas, em vez de ver aí a indicação duma crise da ditadura burguesa e da aproximação de condições mais favoráveis para a revolução.

Do mesmo modo que a força e a autoridade da ditadura burguesa cria as condições óptimas para a democracia burguesa, é na força e autoridade do proletariado que assenta a base para a democracia socialista. O proletariado precisa de dispor de meios potentes de ditadura (o partido, o Estado, o exército, os órgãos políticos, económicos e ideológicos) se quiser dominar a burguesia, desarticular as suas tentativas de restauração, bater a sua ideologia e permitir desse modo a expressão dos interesses das grandes massas da população.

Quanto mais seguramente se exercer a ditadura do proletariado sobre as classes opressoras derrubadas, quanto mais firmes e estáveis forem os seus órgãos de poder, quanto mais elaborada estiver a sua plataforma política, quanto maior fôr a sua autoridade e influência ideológica, tanto melhores condições se criarão para derrotar, submeter e desagregar as relações burguesas de produção, os órgãos burgueses, as ideias burguesas, os hábitos burgueses, tanto mais larga e ampla e autêntica será a democracia socialista, tanto mais livre e rápida e pacífica será a transformação da sociedade na via do comunismo.

Naturalmente, é um erro grave supor que a força da ditadura do proletariado está apenas num aparelho estatal forte e bem armado; a ditadura do proletariado será perigosamente fraca se não se apoiar na mobilização política e ideológica das grandes massas trabalhadoras contra a burguesia. Todo o marxista-leninista sabe que é preciso encontrar as formas que permitam às massas trabalhadoras participar amplamente na edificação da sociedade socialista; todo o marxista-leninista sabe que o espírito criador e a livreconfrontação das opiniões são a condição para se superarem, gradualmente, todos os obstáculos na construção do socialismo e na passagem ao comunismo. Mas todo o marxista-leninista compreende que a base para esta construção democrática socialista está na revolução, na conquista do poder político e na ditadura do proletariado sobre a burguesia, numa luta irreconciliável e de larga duração para liquidar a herança burguesa implantada profundamente na sociedade.

O que acontece, se a ditadura do proletariado fôr exercida de forma insegura e não se impuser esmagadoramente à burguesia, nos terrenos estatal, militar, político, económico, ideológico, se as massas populares não fizerem sua a construção da sociedade nova? Ou a burguesia recorre a tentativas armadas de restauração, como foi o caso da Hungria em 1956, ou então as forças capitalistas desenvolvem-se lentamente, pacificamente, no interior da sociedade socialista, e o socialismo degenera em capitalismo, como foi o caso da Jugoslávia nos últimos 20 anos e como ameaça vir a acontecer na União Soviética e nos países socialistas da Europa Oriental onde dominam as tendências revisionistas.

Pretender que a democracia socialista não precisa de se apoiar em órgãos de ditadura, porque, ao contrário da democracia burguesa, representa os interesses da esmagadora maioria da população, é ignorar o facto de que, durante uma étapa histórica, o estabelecimento gradual das relações socialistas tem que lutar em desvantagem contra as relações capitalistas existentes, contra a estrutura burguesa existente, contra a ideologia burguesa existente, contra a experiência dirigente, a autoridade e os hábitos de organização da burguesia. É verdade que o proletariado e as massas

trabalhadoras representam a esmagadora maioria da população; mas também é verdade que a burguesia, sendo uma ínfima minoria, está de posse dos meios de produção, tem os seus agentes colocados em todas as engrenagens do aparelho de Estado, moldou toda a sociedade à medida dos seus interesses.

Lénine definiu bem esta situação quando escreveu: "Depois da primeira revolução socialista do proletariado, depois do derrubamento da burguesia num país, o proletariado desse mesmo país permanece durante muito tempo mais fraco ainda do que a burguesia; em primeiro lugar, dadas simplesmente as vastas relações internacionais desta última; em segundo lugar, devido ao renovamento espontâneo e contínuo e à regeneração do capitalismo e da burguesia pelos pequenos produtores de mercadoria, no país que derrou a sua burguesia".

A aspiração do MAR a uma "democracia socialista autêntica" nada teria de criticável se não fosse utilizada para lançar pela borda fóra o próprio fundamento do socialismo, a ditadura do proletariado. Parece-nos que seria mais positivo deixar aos artigos da "República" o cuidado de nos instruir sobre os benefícios da "democracia" (abstracta) e os malefícios da "ditadura" (abstracta) e ter a coragem de se pronunciar claramente pela ditadura da burguesia ou pela ditadura do proletariado.



Lénine

Sabemos que não é muito original estar a repetir aqui ideias há muito estabelecidas cientificamente pelo marxismo e provadas na prática da luta revolucionária; mas a isso somos obrigados pela insistência dos democratas-burgueses em "aperfeiçoar" o marxismo, com cuja essência revolucionária não se conformam.

O MAR declara aceitar "todas as contribuições científicas de pensamento contemporâneo, nomeadamente a contribuição marxista", mas é evidente que as suas ideias de um socialismo "anti-totalitário" vieram do arsenal titista e togliatiano e nada têm a ver com o marxismo; essas ideias, que hoje têm tanta voga na Europa e que se procuram fazer acreditar em Portugal, não são mais do que uma variante daquela "democracia pequeno-burguesa que se julga e se faz chamar socialista, cometendo o mesmo erro de todos os partidos da 2ª Internacional". Trata-se afinal de uma nova versão de socialismo burgês cuja missão essencial é perpetuar a escravidão capitalista e impedir a revolução socialista.

É possível que esta nossa apreciação seja considerada "sectária" e pouco "fraterna" para com um agrupamento cujo anti-fascismo não oferece dúvidas. Vinte anos de Unidade obscureceram a tal ponto a compreensão da luta de classes, mesmo entre aqueles que se pretendem revolucionários, rebaixaram a tal ponto o marxismo, que tudo é possível. Não "demonstram" Cunhal e os seus amigos que nós somos provocadores porque, com o nosso rigor crítico, ameaçamos atirar com as forças intermediárias para os braços do fascismo?

Mas isto é mais um facto a mostrar-nos a necessidade de definirmos linhas de demarcação, de agruparmos solidamente o campo revolucionário em torno duma posição de classe como primeira condição para qualquer êxito verdadeiro, de combatermos implacavelmente o hábito de 20 anos de confusão demagógica, que procura pôr os trabalhadores à mercê da burguesia.

Nada temos contra o MAR mas uma vez que ele resolveu proclamar-se "socialista" e "revolucionário", somos obrigados a avaliar até onde chega o seu socialismo; e, fran-

camente, parece-nos que não chega muito longe. O MAR pode vir a desempenhar um papel positivo na luta anti-fascista mas sob condição de não se fazer passar por aquilo que não é, sob condição de aparecer aos olhos das massas com a sua face verdadeira, de partido radical burguês, sem objectivos revolucionários.



Poderia ainda perguntar-se, por último, por que razão temos que ser nós, força ainda pequena e pouco conhecida, a fazer uma crítica de princípios que, parece, deveria caber aos dirigentes do Partido Comunista. A razão é simples: porque somos nós os comunistas, os revolucionários, e não os dirigentes do P.C.P.

Com efeito, como esperar que Álvaro Cunhal e os seus companheiros revisionistas possam criticar ideias revisionistas com que estão comprometidos até ao pescoço? Como poderia Álvaro Cunhal ter a mínima autoridade para criticar as ideias revisionistas defendidas pelo MAR, ele que vendeu os princípios revolucionários do Partido Comunista a troco da "Unidade"? Além do mais, teria o seu cómico ouvir da boca do criador da "revolução democrática e nacional" críticas ao socialismo do MAR pelo facto de omitir a questão da ditadura do proletariado...

É evidente que Cunhal não faz essa crítica e cada vez menos poderá fazê-la; há um ano, no seu informe "Rumo à vitória", ele dirigia ainda certas arranhadelas ao MAR (de resto, ditadas apenas por rivalidades e questões táticas); mas, desde então, as exigências da luta sagrada contra a vaga ameaçadora do "dogmatismo", do "sectarismo", do "aventureirismo" e do "terrorismo", levaram-no a estreitar a sua aliança fraterna com o MAR, a recebê-lo no seio da Frente Patriótica e a abençoá-lo como "um dos três únicos partidos que conduzem a luta nas difíceis condições da clandestinidade".

Revisionistas clássicos e modernos, krutchovianos, titistas e toglitianos, reformistas de toda a espécie, unem-se contra a ameaça da revolução; mais fácil nos será desmascará-los e batê-los simultaneamente.

Já depois de composto este artigo, tomámos conhecimento dum extenso documento do MAR, sobre o socialismo e a estratégia deste movimento. No prosseguimento da análise crítica dos movimentos anti-fascistas, retomaremos oportunamente os temas expostos pelo MAR no citado documento.

O MOVIMENTO MARXISTA LENINISTA NO MUNDO

O Partido Comunista da Bélgica

**La Voix
du Peuple**

HEBDOMADAIRE DES COMMUNISTES DE BELGIQUE

Aqueles que pretendem reduzir os problemas que afectam o movimento comunista internacional a uma luta entre o P.C. da China e o conjunto dos Partidos Comunistas, convém salientar que a verdade é outra: trata-se de uma luta implacável entre marxistas-leninistas, por um lado, e revisionistas, de outro. Os marxistas-leninistas são guiados neste embate pelo P.C. da China, e, em todos os partidos, a luta contra o revisionismo irá ganhando cada vez maior vigor, até os revisionistas serem expulsos do movimento Comunista e assim os P.C.s recuperarem o seu poder revolucionário e refazem a unidade na base do Marxismo-Leninismo! Na Europa Ocidental, infectada de revisionismo, o primeiro sinal de combate contra o revisionismo deu-se na Bélgica.

Em 1963, os revisionistas da Bélgica, realizaram um congresso em que excluíramos marxistas-leninistas, provocando assim a cisão. Enfrentando esta situação, toda a Federação Bruxelense do P.C. da Bélgica decidiu realizar um congresso extraordinário, na base do marxismo-leninismo, e lutar pela reorganização do P.C. No começo de Outubro a "Voix du Peuple", órgão dos marxistas-leninistas belgas, reaparecia de duas em duas semanas, para vir a tornar-se semanal a partir de 1 de Janeiro de 1964. (O órgão dos revisionistas, denomina-se "Drapeau Rouge"). Além deste órgão de combate, publica-se igualmente um suplemento, "Document", especialmente dedicado à luta ideológica, e um mensário de agitação "La Verité" e "De Waarheid", para o Partido Comunista Flamen-
go.

Além disto, publicam-se numerosos panfletos e jornais de empresa. Dezenas de milhares de cartazes ilustram as palavras de ordem dos marxistas-leninistas.

No dia 1 de Maio, o novo Partido deu uma prova da sua vitalidade, organizando um comício em Charleroi e uma manifestação pelas ruas de Bruxelas.

No dia 23 de Dezembro, a conferência nacional dos comunistas da Bélgica reconstituía o Partido à escala nacional na base do marxismo-leninismo. Reconstituíram-se de pois a Juventude Comunista, os Estudantes Comunistas e os Pioneiros.

A linha política elaborada pela conferência nacional e posta em prática pelo Comité Central e pelas organizações do Partido mostrou a justeza das suas posições e, por todo o lado, tem deparado com o apoio e o interesse dos trabalhadores, traídos pelos revisionistas. Desencadearam-se greves, sob as palavras de ordem do Partido, no início de 1964 e em manifestações de massa, como a marcha anti-atômica de 15 de Março e o Movimento da Paz de 8 de Maio, os marxistas-leninistas isolaram e desmascaram os reformistas e os revisionistas.

O secretário-geral do Partido Comunista da Bélgica, Jacques Grippa, marxista-leninista, membro do Partido desde 1930, tem uma carreira de militante irrepreensível, quer nos momentos mais difíceis, como as grandes lutas de antes da guerra, ou sob a

ocupação alemã, durante a qual foi chefe do Estado Maior do Exército Belga dos Resistentes, ou como prisioneiro político em Breendonck e Buchenwald, ou em 1950, no decorrer das acções contra o regresso de Leopold III (colaborador dos nazis), ou na grande greve de Dezembro de 1960-Janeiro de 1961 ou, como actualmente, face às campanhas conjugadas dos reformistas da direita do Partido Socialista Belga e dos revisionistas, falsamente intitulados de comunistas.

A luta contra o revisionismo em Espanha



Año 1 - Nº 1

MADRID - Enero de 1965

Acaba de constituir-se o Partido Comunista Espanhol (Marxista-Leninista), em consequência natural das exigências do proletariado espanhol, no que respeita à revolução e à necessidade desta ser efectuada por uma direcção verdadeiramente leninista. O chamado P.C. de Espanha, de Santiago Carrilho, aliado das forças burguesas, limita-se a procurar modernizar o capitalismo em Espanha, transformando-se por isso num simples partido de reformas, prégando a conciliação de classes e procurando transformar-se no "partido de todo o povo". A luta encarniçada contra o oportunismo e o revisionismo é obrigatória para libertar o proletariado da tutela da burguesia e para definir uma justa linha revolucionária. Como a verdadeira disciplina só é possível em torno do marxismo-leninismo, a disciplina orgânica, a disciplina de "caserna" como lhe chamam os camaradas espanhóis, não tem qualquer sentido num partido que tenha abandonado o proletariado à burguesia e que se tenha afastado dos verdadeiros princípios revolucionários.

Nascido da fusão das seguintes organizações: Oposición Comunista Revolucionaria, Partido Comunista de Espanha Reconstituído, Proletário e a organização completa do P.C. de Espanha na Colômbia, o novo Partido Comunista (Marxista-Leninista) tem como órgão central "Vanguardia Obrera", de que saiu em Janeiro o primeiro número. Transcrevemos uma passagem em que se define a linha do Partido:

"A perspectiva política que o P.C. de E. (M.-L.) se esforçará por realizar consiste na união do proletariado em torno à consciência dos seus interesses e do seu papel histórico, na orientação das suas lutas e na constituição, através da luta, de uma Frente Unida Anti-fascista com outras classes e camadas populares (o campesinato pobre particularmente; o campesinato médio, pequena burguesia da indústria e do comércio, estudantes e intelectuais revolucionários e, eventualmente, a camada mais elevada da pequena-burguesia e sectores da burguesia média) dirigindo o golpe principal contra o grande capital financeiro-latifundiário e o seu aliado imediato, o imperialismo americano, para esmagar o Poder fascista, por meio da insurreição armada e a instauração de um Estado democrático, nacional e popular."

Saudamos, por isso, os marxistas-leninistas espanhóis na sua luta consequente contra o fascismo e contra o revisionismo, inimigos da libertação das massas trabalhadoras!

O Movimento Marxista-Leninista na Inglaterra



Em Novembro de 1963, constituiu-se na Grã-Bretanha o "Comité para a Derrota do Revisionismo pela Unidade Comunista" que passou a publicar a partir de Fevereiro o jornal mensal "Vanguard" e que tem como objectivo a construção de um Partido "genuinamente comunista" passo que, consideram, tem de ser necessariamente dado "antes de poder ser feito um avanço contra o capital monopolista em Inglaterra".

"Em que se distinguirá o novo Partido do antigo? Em primeiro lugar ele será baseado no princípio do internacionalismo proletário (...). Em segundo lugar o Partido lutará para estabelecer a Ditadura do Proletariado (...). Em terceiro lugar o Partido identificar-se-á com as lutas pela satisfação das reivindicações imediatas (salários e condições de trabalho; habitação; contra as bases militares e o militarismo; por todos os direitos democráticos). As lutas para a satisfação das reivindicações imediatas deverão ter como resultado o desenvolvimento entre as massas da compreensão da necessidade de tomar o poder político nas suas próprias mãos (...). Em quarto lugar, nas lutas por objectivos próximos e pela conquista do poder, a linha principal do Partido deverá ser a da mobilização das massas populares para a acção (...). Em quinto lugar, o Partido lutará por uma posição e política progressistas de todos os sindicatos e cooperativas, como meios de mobilização das massas populares em defesa dos seus próprios interesses, mas ela opor-se-á resolutamente à ideia falsa de que, conquistando posições entre as organizações legais do movimento trabalhador, e no estado capitalista em que este trabalha, se está no caminho para o poder das classes trabalhadoras. (...) Finalmente, o novo Partido trabalhará dentro do centralismo-democrático e não do burocratismo (...)" ("The Way forward" de Mc Creery, in Vanguard nº 1).



O REVISIONISMO DESMASCARA-SE DIARIAMENTE

A luta dos marxistas-leninistas contra o revisionismo prossegue incansavelmente em todo o mundo, repetindo hoje o combate noutros períodos travado contra os desvios que tentaram colocar o proletariado sob o controle da burguesia. A luta hoje desenhada contra o revisionismo, nada tem de novo no movimento operário, que constantemente enfrentou a penetração da ideologia burguesa nas suas fileiras. Assim sucedeu quando Lênine combateu o "economismo", os mencheviques, os revisionistas, e todas as manifestações do oportunismo. A profunda cisão efectuada por Lênine no seio da Social-democracia, que atraíu o ódio e as calúnias de todos os revisionistas de então, que provocou a indignação dos homens "honrados", que viam na aliança com a burguesia a u

nica viabilidade para o movimento operário, quando ela não representava mais do que a continuação da ditadura da burguesia liberal sobre as massas exploradas, foi de importância decisiva para o desenvolvimento do movimento revolucionário na Rússia e no mundo inteiro. Dessa cisão, em que Lênine combateu encarniçadamente, de início quase sozinho, contra a esmagadora maioria dos oportunistas e dos conciliadores de classe, que negavam a ditadura do proletariado e a possibilidade da revolução socialista, devido ao "atrazo" do movimento operário russo, e que procuravam recompôr a burguesia que se erguia contra o czar, dessa cisão saíu a força revolucionária expurgada dos traidores ao socialismo, que viria a desencadear o movimento vitorioso de Outubro de 1917, enquanto os mencheviques desapareciam pelo alçapão da história.

Mas a penetração da ideologia burguesa é uma ameaça sempre presente, não só pelo desenvolvimento das forças da sociedade capitalista, que colocam o proletariado em contacto com a ideologia burguesa, como também pela afluência constante, ao Partido dos trabalhadores, de elementos da pequena-burguesia, que trazem consigo concepções, visão do mundo e perspectivas pequeno-burguesas. Por outro lado, a ideologia burguesa tem também por origem as concepções da "aristocracia operária" que, devido a melhores salários, têm um contacto mais próximo com a burguesia, aos seus hábitos de vida, reflectem no seio da classe operária a mentalidade da burguesia. se acrescentarmos a isto o baixo nível ideológico dos movimentos operários, as vacilações na teoria e na prática, a adopção de métodos antigos, a repetição de erros, compreender-se-á que, num país capitalista, a classe operária e o seu partido estejam permanentemente à mercê da penetração da ideologia burguesa, das concepções reformistas de que esta se serve para perpetuar o seu domínio explorador. Quando um partido operário perdesse a perspectiva da luta de classes, da ditadura do proletariado, da aliança operário-camponesa, e desiste de definir uma linha independente, afastando-se por isso do marxismo-leninismo, tenta, para compensar a sua perda de audiência junto das massas populares, a diminuição da sua influência, o seu medo à revolução, aliar-se e unir-se com a burguesia liberal, que sabe dispor de meios capazes de derrubarem o fascismo, mesmo à custa de entregarem as massas populares ao seu domínio explorador. Um revolucionário, um marxista-leninista, compreende, por isso, que aqueles que mais gritam por "Unidade com a burguesia" são os que tentam ocultar o seu fracasso em conduzirem o proletariado e as massas exploradas a uma revolução popular, primeiro, e socialista, depois.

▲ O caso do Partido Comunista Indiano

Lutando consequentemente contra o revisionismo, acabam de dar-se importantes acontecimentos no seio do Partido Comunista Indiano, que interessam a todos os marxistas-leninistas. Assim, já de há tempos, grande controvérsia vinha a dar-se no seio do Partido, em que surgira um movimento liquidador, penetrado pelo revisionismo actual, que se agrupava em torno de Dange, secretário-geral do P.C. Conforme noticiou o jornal LOK-LEHAR, órgão central do Comité Central do P.C.I., convocou-se em Calcutá o 7º Congresso do Partido, de 31 de Outubro a 7 de Novembro de 1964. Tomaram parte neste Congresso 422 delegados representando 104.000 membros do Partido, em todo o país, ou seja, 60% do número total dos membros inscritos no Partido quando do 6º Congresso. Nele se decidiu a expulsão do grupo do renegado Dange, traidor ao proletariado indiano e cúmplice do revisionismo liquidacionista dos Kruthcov & Cª. Adoptou-se igualmente, por unanimidade, o Programa do Partido, sendo eleita a nova direcção e adoptando-se mais de 20 resoluções sobre as tarefas actuais do Partido, sobre a unidade do movimento comunista internacional, sobre o apoio aos movimentos de independência nacional, etc. . O novo Comité Central, composto de 38 membros, tem como secretário-geral o camarada P. Sundarayya. No Congresso, decidiu-se igualmente que o grupo de Dange não tem o direito de denominar-se Partido Comunista.

O 7º Congresso representou assim o fim da primeira grande batalha contra o revisionismo na Índia, que só provocara o afastamento e a descrença dos militantes que devem atribuir-se à sua unidade com a burguesia às táticas parlamentares e legalistas, à renúncia pela revolução, praticadas pela clique Dange, isto quando por todo o país aumentavam a miséria e o desemprego, a fome e a repressão. Se, no meio duma conjuntura que se agrava de dia para dia, os Partidos Comunistas que, normalmente deviam robustecer-se com o descontentamento crescente das massas populares, encontram em vez disso por todo o lado críticas dos seus militantes e a sua desconfiança e deserção, tal tem de atribuir-se precisamente ao facto de não estarem a dar às massas uma política que corresponda aos seus anseios e exigências. Isto explica que, quanto maior era o descontentamento na Índia, menos projecção o Partido, então dominado pelo revisionismo, conseguia junto das massas. Este é um ensinamento que todos os revisionistas devem tirar.

O Congresso do P.C. Indiano efectuou-se no meio da repressão. Na véspera do Congresso, o governo "democrático" burguês do Estado de Bengala Ocidental prendeu 27 dirigentes do Comité da respectiva província. Mas, apesar de todas as medidas adoptadas, o governo reaccionário indiano não conseguiu impedir a realização do Congresso, que estimulou todos os marxistas-leninistas indianos e provocou, após a sua realização, no dia 7 de Novembro, uma grandiosa manifestação de regozijo de 300.000 trabalhadores de Calcutá.

O "grupo Dange", numa manobra liquidadora, resolveu efectuar o "seu" 7º Congresso, de 13 a 23 de Dezembro, isto é, depois de ter sido expulso do Partido. Significativamente, acorreram a este "Congresso", ilegal, desacreditado perante as massas indianas, os revisionistas franceses, italianos, soviéticos, etc. Quer dizer: a desvergonha dos revisionistas modernos permite-lhes colaborar descaradamente com um "grupo de renegados", expulso pelo Partido marxista-leninista, e perfeitamente identificado pelas massas como traidores à revolução.

Esta reunião cisionista foi convocada depois de longos preparativos. Foi por três vezes adiada, dado a situação interna e internacional não correr bem para Dange. Quando o "Conselho" se reuniu para preparar o Congresso ilegal, só 26 dos 109 membros eleitos pelo 6º Congresso assistiram aos trabalhos, o que diz muito quanto à representatividade dos revisionistas indianos...

Para compreender como os princípios não interessam aos revisionistas, convém referir o seguinte:

Etienne Faon, membro do "bureau" político do Partido Comunista Francês e director de "L'Humanité", de regresso da Índia, onde assistiu ao Congresso ilegal do grupo renegado de Dange, foi obrigado a reconhecer no seu jornal que "durante um certo período haverá dois partidos que se reclamam do comunismo na Índia e que o segundo não se limita a uma cliquozinha de renegados. O partido cisionista é aliás uma das forças com que o nosso partido irmão procura formar uma frente democrática nacional".

Quer dizer, como o Partido marxista-leninista tem uma indiscutível base de militantes (quase 2/3 em relação ao que tinha antes da cisão), os revisionistas são obrigados a aceitar a sua existência como partido comunista; mas os marxistas-leninistas belgas, franceses, espanhóis, portugueses, numericamente ainda inferiores, são denominados "provocadores", "renegados", "agentes da burguesia", "colaboradores da Polícia", etc. Aliás, nós, os marxistas-leninistas portugueses, temos experiência própria deste tipo de insultos. Mas que dirão os revisionistas, quando, com o decorrer do tempo, virmos a conseguir uma vasta base de massas? Irão renunciar aos seus insultos, procurar a unidade connosco e dizer que o tempo homologa tudo?!

Sete dias depois de realizado o "congresso" ilegal, o governo reaccionário indiano, pondo a descoberto toda a sua ferocidade, desencadeou uma vasta repressão contra os marxistas-leninistas que o haviam denunciado perante as massas e que se haviam li

bertado dos revisionistas, que tinham transformado o Partido num auxiliar da burguesia, integrado na legalidade burguesa e perfeitamente desinteressado da revolução. Assim, cerca de mil marxistas-leninistas, incluindo o secretário-geral Sundarayya, foram presos em toda a Índia.

A conclusão é fácil de tirar: as decisões do 7º Congresso alarmaram os latifundiários, os monopolistas e os imperialistas indianos, que até aí haviam confiado no "seu" partido revisionista e no seu aliado Dange. O aparecimento de uma forte corrente revolucionária obrigou a burguesia a reagir ferozmente. O jornal conservador "Times of India", após o congresso marxista-leninista exprimia a sua inquietação, declarando não ser de admirar que o P.C. indiano, liberto dos revisionistas, viesse a "beneficiar do apoio crescente da população". Os dados estão lançados: a constituição do Partido verdadeiramente marxista-leninista obriga o governo indiano a passar por cima da sua "democracia" e a encarcerar os dirigentes do P.C.I., enquanto, o grupo Dange permanece em liberdade!! Aqui fica a pergunta para todos os que ainda hesitam em desembaraçar-se do revisionismo: quando o governo indiano exerce tal repressão, não se importando um segundo sequer com os revisionistas, não indica isso que distingue entre os que servem as massas populares e pretendem conduzi-las à revolução e os que, traindo-as, pretendem apenas ser instrumentos de controle da burguesia sobre o proletariado?

Posteriormente, e confirmando o apoio de que goza desde já das massas, o novo Partido Comunista Indiano obteve uma vitória espectacular no Estado de Kerala, derrotando não só o Partido do Congresso (reaccionário) mas esmagando também o grupo do renegado Dange, revisionista. Os marxistas-leninistas obtiveram quarenta lugares, contra três atribuídos aos revisionistas, que assim ficam gravemente comprometidos perante o povo indiano, tanto mais que cerca de vinte dos eleitos marxistas-leninistas continuam nas prisões indianas, acusados pelo governo reaccionário indiano de "actividades pró-chinesas". Por sua vez, o governo indiano e o seu Partido do Congresso sofreram uma grave derrota pois a repressão em massa desencadeado contra os comunistas destinava-se, entre outras razões, a impedir a sua vitória no Estado de Kerala. A razão fundamental da derrota dos revisionistas consistiu na perda de confiança das massas, traídas por dirigentes que desistem da revolução para se aliarem à burguesia. Este é o destino que aguarda os revisionistas de todo o mundo.

Agora, que há quem insista teimosamente que em Portugal não estão ainda preparadas as condições para o proletariado fazer a revolução popular e tomar o poder, agora que o partido do proletariado renuncia à sua missão histórica de conduzir as massas trabalhadoras à vitória, conviria que os oportunistas que teimam em fazer do proletariado uma força de choque ao serviço da burguesia e se limitam assim a procurar modernizar o Estado burguês, meditassem nos casos que vamos apresentar, em que Partidos Comunistas, por renúncia à Luta Armada e por terem caído nas mãos dos revisionistas, desistiram da Revolução, que outros monopolizaram, conduzindo as massas longe e às vezes até contra os partidos operários.

▲ O Partido Comunista Argelino

Durante a sua existência como ramificação no ultramar do Partido Comunista Francês, a independência da Argélia não figurou no programa da sua acção política, nem no quadro das suas reivindicações sociais. Depois da sua transformação em P.C.A., teoricamente independente (por decisão da III Internacional) não defendeu a luta pela li

bertação nacional e social. Maurice Thorez, dirigente e teórico do P.C. Francês, trazendo do problema argelino, chegou inclusivamente ao ponto de dizer que a nação argelina não existia e que os argelinos constituíam uma nação em formação (!). O levantamento armado de 1954 sobressaltou os dirigentes do P.C.A., comodamente instalados na "legalidade republicana". Mas, quando se vivem anos e anos dentro do oportunismo, é muito difícil que um partido nestas condições saiba modificar a tempo a sua orientação e corrigir os seus vícios. Os dirigentes do P.C.A. como dos outros partidos políticos da Argélia, europeus e não europeus, não consideravam possível a vitória da revolução. Enquanto os militantes de base mais consciêntes se dirigiam para as montanhas, combatendo ao lado dos guerrilheiros, o P.C.A. publicava uma declaração caluniosa, em que qualificava a luta armada de "aventureirismo", ao mesmo tempo que ordenava aos seus membros que se abstivessem de qualquer participação na luta (!). Quando os comunistas Maillot e Laban, que haviam decidido combater com os guerrilheiros, caíram prisioneiros, foram torturados e executados, o P.C.A. compreendeu que a base começava a passar por cima da direcção. Esta "direcção" apressou-se a dessolidarizar-se de ambos os "rebeldes", o que não impediu que as autoridades coloniais proibissem todas as suas actividades.

Quando uma parte dos comunistas argelinos aderiu individualmente à Revolução, respondendo ao apelo do FLN, a P.C.A. tentou por fim constituir as suas próprias forças armadas. Esta tentativa tardia de tomar a direcção da luta popular, que havia sido concebida, decidida, desencadeada e organizada por outros, derivava do carácter profundamente oportunista da direcção do P.C.A. e de um conhecimento superficial do marxismo-leninismo. Mas os esforços do P.C.A. para criar os seus próprios "maquis" foram ignorados pelos argelinos e combatidos pelos europeus, terminando num rápido fracasso. Os dirigentes comunistas solicitaram então a sua adesão à F.L.N., na qualidade de partido. Por outras palavras, não tendo conseguido assumir a direcção da revolução, vinham reclamar a sua admissão em pé de igualdade. O F.L.N. respondeu com uma recusa categórica. Desde a Revolução de Outubro e o nascimento dos Partidos Comunistas, alguns desapareceram, outros vegetaram e outros conduziram o seu povo ao socialismo através da revolução. O P.C.A. pode pertencer à primeira ou à segunda categoria; da terceira já foi eliminado pela história. A continuidade da revolução argelina ficou assim nas mãos da F.L.N., agrupamento da burguesia, evidentemente incapaz de levar o povo ao socialismo.

▲ O Partido Comunista do Iraque

O Partido Comunista do Iraque é um dos mais recentes entre os países arábicos, criado em 1934 e o único que teve uma origem proletária. Com efeito, a indústria petrolífera que a Inglaterra instalou no norte do Iraque, a partir de 1925, exigia uma concentração operária que permitiu o aparecimento dum partido mais forte que nos restantes países árabes. As revoltas organizadas pelo P.C.I. em 1948, 1952 e 1956 prepararam a revolução de 14 de Julho de 1958 que derrubou o sangrento regime de Nuri Said e demonstrou que se tratava do único partido que nessa região havia posto em prática a luta armada. Os comunistas constituíram a coluna dorsal das Forças de Resistência do Povo, contra as quais o imperialismo perdeu a sua tentativa de golpe de Estado de 1959 (revolta de Mossul). Kassem, chefe do governo, manteve uma atitude vacilante antes e durante a revolta. Mas o P.C.I. dirigiu a luta resolutamente e um mês depois destes acontecimentos, as associações de camponeses, constituíam uma União Geral que nos meses seguintes atingiu dois milhões de filiados num país de seis milhões. Um milhão de pessoas desfilou em Bagdad no dia 1 de Maio cantando o "slogan" do P.C.I. : "Participação do Comunismo no Governo".

Foi então que os dirigentes do P.C.I. deram ouvidos às propostas revisionistas do P.C.U.S. e sacrificaram as suas consignas revolucionárias à "coexistência pacífica".

Abandonaram as suas reivindicações de participação no poder, deixaram a maquinaria estatal nas mãos da burguesia nacional e de Kassem. A autocritica então formulada pelo P.C.I. baseava-se numa "incorrecta" compreensão do papel da burguesia nacional e do "governo nacional" na revolução, assim como o "não ter tido em conta a situação do árabe e internacional".

O que esta reviravolta veio a provocar é do conhecimento geral. Os direitistas, eliminados como força política durante os acontecimentos de Mossul, procuraram o regresso ao poder, que não se realizou em bases políticas, mas sim por meio da acção de grupos armados com meios postos à sua disposição por todo o aparelho estatal. Paralelamente a esta guerra civil não declarada, Kassem dissolveu as F.R.P., prendeu os heróis de Mossul e readmitiu os oficiais do antigo regime. Os massacres de Kirkuk de Julho de 1959, perpetrados pelos reaccionários, constituíram o pretexto para a contra-revolução iraquiana, perdendo-se milhares de militantes das organizações de massa, anulando-se os seus comícios democráticos e preparando o caminho para o regresso ao poder das forças direitistas, associadas aos interesses petrolíferos, perante os quais Kassem seguia uma espécie de política da chantagem. Assim, a 8 de Fevereiro de 1962, um novo golpe contra-revolucionário implantou os agentes do imperialismo americano no poder.

Durante 18 dias o distrito operário de Khadimiya resistiu; um mês depois, os comunistas detinham ainda toda a província de Amara. Mas já não tinham força, nem confiança das massas, como em 1959. O golpe militar de Aref significou a maior chacina de comunistas da história moderna no movimento operário. Milhares de militantes foram mortos, assassinados pelo imperialismo, incluindo o secretário-geral do Partido. Milhares de comunistas foram presos e os tribunais pronunciaram 112 sentenças de morte.

Aquilo que fora um partido forte, cheio de energia e entusiasmo revolucionário, depois de aceitar a linha revisionista devido a pressão exterior, transformou-se numa organização desarticulada, e provocando graves prejuízos à causa revolucionária.

Esta é outra lição para os "dirigentes" que pretendem desarmar o proletariado perante a burguesia, e colocá-lo a reboque dos seus interesses reaccionários. Todos os que se preocupam deveras com a revolução devem meditar atentamente neste caso trágico.

▲ O EXEMPLO DO SUDÃO

Quando hoje teimosamente os revisionistas pretendem colocar as forças populares sob a tutela da burguesia; quando, como em Portugal se declara que, sem a burguesia liberal, as massas populares não poderão derrubar o fascismo e, para isso, se cria a FPLN, órgão da unidade de partidos de interesses opostos; que, uma vez derrubado Salazar, realizará "eleições livres", dentro das quais as massas trabalhadores caminharão pacificamente para o socialismo, deixando as massas desarmadas e à mercê da ditadura da burguesia que ajudaram a colocar no poder; quando, como hoje, se combate encarnadamente os que pretendem libertar o proletariado da influência da burguesia e conduzi-lo, pelas armas, à revolução popular, conviria analisar um caso, o do Sudão, que, como outros, mostra claramente o verdadeiro valor e significado da unidade dos Partidos Comunistas com os partidos burgueses, mesmo liberais.

No Sudão, existia um regime militar despótico, governado com mão de ferro pelo marechal Abbud. A situação do país era de verdadeira miséria do povo, em benefício das classes exploradoras. Tal como em Portugal, em que o Estado fascista auxilia a exploração do povo efectuada pela burguesia.

Entretanto, no sul do país, uma luta vem há tempos a desenvolver-se, por parte das populações nativas, que reclamam a sua autonomia.

Embora de modo diferente também o governo fascista português enfrenta a sublevação dos povos das suas colónias, exigindo a independência.

Em vista do agravamento da situação, e dado o governo não conseguir findar com a sublevação do sul do país e perante o crescente descontentamento das massas populares, o exército interveio, derrubando o governo ditatorial do marechal Abbud.

Também em Portugal, a burguesia liberal, apoiada nos falsos dirigentes revolucionários, espera que o exército derrube um dia Salazar, que também não consegue resolver o problema colonial, nem satisfazer as exigências crescentes das massas populares.

No Sudão, o Exército, regressando aos quartéis, entregou o poder a uma "Frente Nacional", composta de todas as tendências políticas. Pela primeira vez na história do médio Oriente, os comunistas, que tomaram parte activa, entraram no novo governo, juntamente com os partidos da burguesia.

Também em Portugal a FPLN pretende, após o golpe militar, que é afinal a sua única saída "revolucionária", ocupar o poder, juntamente com as forças da burguesia liberal. Isto seria a democracia nacional, com o povo desarmado.

No Sudão, entretanto, após os primeiros momentos de euforia, os partidos burgueses que haviam chegado ao poder com o auxílio dos comunistas, mas por natureza inimigos eternos dos trabalhadores, e não querendo que o governo concedesse autonomia aos sulistas, nem procedesse a reformas sociais contrárias aos seus interesses, exigiram a expulsão dos comunistas.

Assim, em Portugal, analisando as classes representadas na FPLN, não seria de espantar que, embora a burguesia pudesse chegar ao poder, com o sacrifício dos trabalhadores, em breve entrasse em conflito com os interesses das massas populares.

No Sudão, neste momento, como o golpe anti-fascista fora dado pelo exército, as massas estavam desarmadas. Os burgueses, uma vez no poder, fizeram cair todo o seu peso sobre os trabalhadores. O Partido Comunista e os sindicatos provocaram manifestações, houve choques com a polícia, mas a burguesia, com todo o aparelho de estado na mão, venceu naturalmente: os representantes dos trabalhadores foram expulsos do governo.

Assim também em Portugal, perante as massas desarmadas, a burguesia pode usar todo o seu poder para desembaraçar-se dos trabalhadores e para continuar a explorar o povo.

Notando rapidamente o que possa haver de comum em duas situações, no entanto diferentes, pergunta-se: é este o objectivo da FPLN? Não chegam já os casos em que as massas populares foram traídas por falsos dirigentes que se venderam à burguesia? Devesse ter bem claro que as massas populares só atingirão, de facto, o poder se tiverem uma organização própria, se derrubarem o fascismo pelas armas, conservando-as na mão, para depois resistirem aos ataques da burguesia. Assim sucedeu em Cuba, por exemplo.

Os caminhos estão hoje claramente postos para todos:

- ou unidade com a burguesia, para que esta provoque um golpe militar que entregaria o poder à burguesia, para esta poder continuar a explorar o povo;
- ou independência das massas populares armadas, que construirão o seu Estado e farão a Revolução Popular.



APOIO COMPROMETEDOR

Como se sabe, tendo afastado Krutchov por incompetência, os dirigentes soviéticos continuam a aplicar a mesma linha revisionista, tanto na política interna como na política externa. Cobrindo-se com frases "socialistas" e "revolucionárias" e falando na passagem ao comunismo, eles estão pondo em risco as conquistas socialistas que tinham sido obtidas pela revolução de 1917 e querem seguir o exemplo de Tito que está restaurando o capitalismo na Jugoslávia.

A este respeito, é interessante citar as palavras proferidas por um miliciano português, o sr. António Champalimaud, na assembleia geral do Banco Pinto e Sot

to Maior, em 28 de Janeiro passado:

"Qual dos fervorosos discípulos de Marx ou de Adam Smith se teria aventura do, depois da guerra, a predizer para tão breve o restabelecimento na Rússia das noções de crédito, mercado e lucro? Mas bastou que houvesse um campeão, homem de espírito claro e de coragem, como o Prof. Liberman, para impor na prática o que há muito já muitos sentiam como tido por indispensável para a URSS poder vencer em tempo conveniente as etapas económicas e sociais que a separam dos E.U.A. e da "grande sociedade" que ali se prepara".

Aqui temos, pois, um dos maiores capitalistas portugueses a aplaudir as formas "criadoras" introduzidas pelos economistas de Krutchov, Brejnev e Kossiguine; temos que concordar em que é pelo menos um pouco estranho ... Alvaro Cunhale os seus companheiros tentam convencer os comunistas e os trabalhadores que a nossa crítica à política revisionista dos dirigentes soviéticos é uma posição "anti-soviética". Mas como explicar então que um milionário, um inimigo dos trabalhadores e do socialismo, como é o sr. António Champalimaud, elogie a política soviética? Alguém se convence de que os burgueses passariam elogios ao governo da U.R.S.S. se não se estivesse aí a passar algo de muito grave para o socialismo e a revolução?

O revolucionário alemão Augusto Bebel dizia: "Quando os burgueses me começam a elogiar, penso logo que asneira terei feito." Aí está uma ideia que poderia ser útil aos revisionistas soviéticos e aos nossos revisionistas portugueses, se eles ainda conservassem um pouco de espírito revolucionário de classe e não estivessem atascados até ao pescoço no espírito de compromisso com a burguesia.

LÉNINE - CARTA AOS OPERÁRIOS ALEMÃES E FRANCESES

(continuação da pág. 24)

quiparados aos nossos mencheviques) leva de facto a influência burguesa ao proletariado a partir do interior do movimento operário, a partir do interior dos partidos socialistas; sem depurar-se dessa corrente, sem romper com ela, sem excluir todos os representantes destacados, é impossível a íntima união do proletariado revolucionário.

Os Dittman, os Crispian, etc., com as suas eternas vacilações tendendo para o reformismo e o menchevismo, com a sua incapacidade para pensar e agir revolucionariamente, levam, na realidade, sem disso se dar conta, a influência da burguesia ao proletariado, de dentro do partido proletário, submetem o proletariado ao reformismo burguês. Só a cisão com eles e os seus semelhantes tornará real a unidade internacional do proletariado revolucionário contra a burguesia, para o seu derrubamento.

Os acontecimentos da Itália devem abrir os olhos até aos mais obstinados, que não vêem o prejuízo causado pela "unidade" e a "paz" com os Crispian e os Dittmann. Os Crispian e os Dittmann italianos (Turati, Prampolini, D'Aragona) trataram imediatamente de dificultar a revolução na Itália, quando as coisas começaram a aproximar-se da verdadeira revolução. E nessa direcção caminham as coisas - com maior ou menor rapidez, de maneira mais ou menos difícil e dolorosa - em toda a Europa, em todo o mundo.

Já chegou a altura de correr com essas ilusões, extremamente nocivas, de que é possível a "unidade" ou a "paz" com os Dittmann e os Crispian, com a ala direita do "Partido Socialdemocrata Independente" alemão, do "Partido Trabalhista Independente" inglês, do Partido Socialista Francês, etc. Já chegou a altura de todos os operários revolucionários depurarem os seus partidos e organizarem partidos comunistas do proletariado, verdadeiramente unidos.

24 de Setembro de 1920

Lénine

(Pravda, nº 213 - 25 de Setembro de 1920)

★ LÊNINE - CARTA AOS OPERÁRIOS ALEMÃES E FRANCESES

a propósito dos debates do II Congresso da Internacional Comunista

Camaradas:

A imprensa burguesa da Alemanha e da França dá muita atenção às discussões no seio do Partido Socialdemocrata Independente da Alemanha e do Partido Socialista da França, a propósito do ingresso na Internacional Comunista. A imprensa burguesa defende com extraordinária energia as opiniões da fracção direitista, oportunista de ambos os partidos.

Isto é inteiramente compreensível, pois esses elementos direitistas são, por essência, democratas pequeno-burgueses que, tal como Dittmann e Crispian, não sabem pensar revolucionariamente, são incapazes de ajudar a classe operária a preparar-se para a revolução e a fazer a revolução. O rompimento com estes elementos direitistas, oportunistas é imprescindível, é o único meio de tornar coesas todas as massas verdadeiramente revolucionárias, verdadeiramente proletárias.

Os gritos acerca da "ditadura de Moscovo", etc., não passam de simples mentira. Na realidade, dos vinte membros do Comité Executivo da Internacional Comunista, só cinco pertencem ao Partido Comunista da Rússia. Os discursos sobre a "ditadura", etc, não passam de um auto-engano ou de uma tentativa de enganar os operários. Esses discursos ocultam o fracasso de um certo número de dirigentes oportunistas, do mesmo modo que outros discursos semelhantes no K.A.P.D. (Partido Comunista Operário da Alemanha) ocultavam o fracasso de alguns dos seus chefes, que abandonaram o caminho do revolucionarismo proletário. São também um auto-engano, ou uma tentativa de enganar os outros, os gritos dos que dizem que, nas condições da admissão na Internacional Comunista, os "ditadores de Moscovo" perseguem determinadas pessoas. Nas condições de ingresso, § 20, diz-se claramente, com toda a precisão, que as "excepções" (Ausnahmen) das severas normas relativas aos chefes da ala direita e aos componentes das instituições centrais são admissíveis com a aprovação do Comité Executivo da III Internacional.

Embora se declare abertamente que as excepções são admissíveis, não pode falar-se de modo algum da inadmissão absoluta destas ou daquelas pessoas. Isso significa que se reconhece inteiramente a necessidade de ter em conta, não o passado, mas sim o presente, de ter em conta as mudanças realizadas nos pontos de vista e no comportamento de determinadas pessoas, de determinados chefes. Embora se declare que são admissíveis as excepções, dependendo do acordo do Comité Executivo da III Internacional - e nesse Comité só uma quarta parte é constituída por russos - os gritos acerca da "ditadura", etc, são puras tontices e embustes.

Todos esses gritos não passam de enganos. Na realidade, a luta trava-se entre os elementos revolucionários, proletários, e os elementos oportunistas, pequeno-burgueses. Entre estes últimos figuram os Hilferding, os Dittmann, os Crispian, numerosos membros das minorias parlamentares da Alemanha e da França, etc. A luta destas duas correntes políticas trava-se em todos os países sem excepção. É uma luta que tem uma longa história e que se exacerbou e se exacerba em toda a parte, durante a guerra e depois dela. O oportunismo está representado pelos elementos da "aristocracia operária", da velha burguesia dos sindicatos, das cooperativas, etc. Pelos sectores intelectuais pequeno-burgueses, etc. Sem depurar-se desta corrente, que com as suas vacilações e o seu "menchevismo" (os Dittmann e os Crispian podem ser perfeitamente e

(continua na pág. 23)